

DA FORÇA COERSIVA DO PODER À LUTA ÉTICA PELA SOBREVIVÊNCIA EM *O FIEL E A PEDRA*, DE OSMAN LINS

Édila de Cássia Souza Santana (UFMS –PPG/CAPES)¹

Resumo: Esse trabalho objetiva analisar o romance *O fiel e a pedra* (1967) de Osman Lins, com ênfase na tensão representada pelo drama social e a luta pela sobrevivência, diante de situações como latifúndio, exploração de classes e imposição de valores. O romance narra a história de Bernardo na zona rural nordestina, tendo por núcleo, as relações conflituosas entre o despótico senhor de terras, Nestor, e Bernardo, um forasteiro íntegro e altivo. Nessa relação, o romance contempla a força que o espaço opressor determina, provocando o enclausuramento do sujeito, representado por forças antagônicas que coloca em evidência a luta entre o bem e o mal.

Palavras-chave: Modernidade; Naturalismo; Opressor; Oprimido.

Introdução

O romance *O fiel e a pedra* publicado em 1961, é o segundo romance do escritor pernambucano de Vitória de Santo Antão, Osman Lins (1924-1978). Autor de mais de 20 obras, incluindo romances, contos, teatro, ensaios, artigos e novelas, que se estende desde *O Visitante*, 1955, seu livro de estreia, até *Domingo de Páscoa*, publicado postumamente.

Um dos aspectos característicos da ficção de Osman Lins é o elo comunicativo estabelecido pelo escritor entre a arte e a sociedade. A relação entretecida em suas obras, parte de um contexto social, político cultural que demanda de representações e discussão em torno da documentação de situações que expressam aspectos da realidade e seus conflitos sociais, culturais, políticos e religiosos.

A relação existente entre literatura e sociedade é uma relação fecunda, pela possibilidade de leituras do social, de forma a compreender melhor os diversos fatores implicados na constituição do sujeito e em sua performance social. “uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. [...] o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica” (CANDIDO, 2002, p.16). O texto literário torna-se produto da articulação entre arte e o social, de forma a ganhar representações através da forma e conteúdo. Essa proposição permitiu observar nas obras de Osman Lins, a marca de sua postura ética e política acerca da realidade social do país.

Desde “O Visitante”, publicado em 1955, até “A rainha dos cárceres da Grécia”. Nesta [...] desponta a crítica contra certa moral pública castradora da liberdade das pessoas e contra o sistema burocrático do INPS. Em “A rainha dos cárceres da Grécia” os cárceres são

¹ Doutoranda em Letras (UFMS/CPTL), bolsista da CAPES. E-mail: kassiaedila@yahoo.com.br

metaforizados pelas salas e corredores burocráticos de um Instituto de Previdência Social antissocial [...]. São os aparelhos burocráticos que ela precisa enfrentar na frustrada tentativa de conseguir a aposentadoria. (GONÇALVES & GUARNIERI, 2015, p.869).

Seu posicionamento ideológico configurado em forma literária, responde as perguntas em torno do que há de permanente na sua obra.

É possível dizer que, apesar das variações formais da mesma e da variedade de objetivos, temas e escritos do autor, permanece a concepção do papel do escritor que, a exemplo de José de Anchieta, escreve para educar seu povo, instruindo e advertindo por meio da literatura. Por meio dela Osman Lins chama a atenção para os inúmeros problemas relacionados à formação humana, para a qual entende que o trabalho com as Letras tem um papel a desempenhar (GONÇALVES & GUARNIERI, 2015, p.869).

A integração das diferentes dimensões sociais com os aspectos intrínsecos do texto literário na obra de Lins, não foge da performance literária com ponto principal de suas obras. Pelo contrário, o autor demonstra consciência e rigor na produção de grandes obras autênticas, em que estética e ética são costuradas pela linha da criação literária.

No crivo literário, o elo comunicativo das paisagens criadas pelo autor, por meio das interfaces literárias e sociais, encorpam a necessidade de falar do ser humano e assim construir uma consciência que pode partir de uma realidade subjetiva, restrita, regional e atingir o universal. O drama do homem não se limita apenas a um espaço pré- estabelecido geograficamente em que situa as ações, o autor consegue partir de uma realidade identificável na sua concretude, e atingir espaços abstratos e universais, em que atinge o drama humano em suas variadas situações.

O fiel e a pedra contempla essa universalidade. Ao partir do drama vivido de Bernardo Vieira Cedro, no nordeste dos anos 30, o autor consegue atingir o universal dentro do regional. Tal façanha deve-se a engenhosidade em que soube escolher uma óptica que alcançasse o homem e os temores que o acompanha desde a origem da humanidade. Tal performance, respalda o seu posicionamento sobre a literatura. “A literatura nada tem de simples passatempo. Ela é talvez o instrumento mais poderoso e mais eficaz de que o homem dispõe para conquistar e defender sua liberdade e sua dignidade” (LINS, 1979, p. 201).

O romance em questão é considerado um divisor de águas na obra de Osman Lins. A primeira fase, iniciada com o romance *O visitante* em 1955, seguido do livro de contos

Os gestos de 1957 é caracterizada por um psicologismo nascente de situações cotidianas, em muitos casos patéticas. Segundo Massaud Moisés (1974), tanto “a narrativa longa e as menores testemunhavam um mundividência orientada pelo signo da comoção e por uma gravidade lírica, compassiva, despida de humor (MOISÉS, 1974, p.375).

O fiel e pedra está no centro das duas fases, por isso ela se consolida como a obra que coloca Osman Lins entre os maiores artesões da literatura contemporânea, “ergue-se como a obra-base no percurso do ficcionista, precisamente porque alcança o justo e alto equilíbrio entre as duas tendências, a introspectiva e a experimentalista. Equilíbrio procurado na fase inicial, em meio as naturais hesitações, influencias e certezas intuídas” (MOISÉS, 1974, p.376).

O experimentalismo de Osman Lins constata-se pela recusa a dogmas preexistentes e generalizantes. Até mesmo quando veiculou suas obras a características já existentes no cenário literário, procurou particularizar com configurações distintas das já enunciadas. Esse desprendimento pode ser observado em obras como o romance em análise, que traz a luta de classe e o desejo das transformações sociais, sintomáticas já existentes em obras ligadas às tendências “realista, naturalista, regionalista”, mas com inclinações que tendem a reunir as tensões externas e internas do homem.

O próprio Osman Lins em entrevistas, consciente de sua originalidade, não gostava de ser comparado com outros escritores que a crítica filiava.

Osman não gostava de ser comparado a nenhum de seus contemporâneos, estrangeiros ou brasileiros, temendo que se visse nisso qualquer tipo de influência. Numa entrevista de 1969, ao ser alinhado com Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Jorge Amado e Érico Veríssimo, como grande representante da literatura brasileira, respondeu: “No que se refere aos autores mencionados, todos com obra numerosa e exaustivamente estudados, manda a verdade que lhe diga, não os tenho por modelos em nenhum aspecto. Meus rumos são outros” (ET, p. 159) (PERRONE-MOISÉS, 2014, p.95)

Por isso, o autor assumiu uma marca no cenário literário. Passamos para a análise de alguns pontos do romance, que consideramos importantes em nosso trabalho, a fim de compreendermos como ocorre a configuração do aspectos característicos da ficção de Osman Lins, e entendermos os efeitos de sentidos resultantes da configuração do romance.

O fiel e a pedra: do determinismo a resistência

Em *O fiel e a pedra*, temos a história de Bernardo Vieira Cedro, no nordeste dos anos 30, que logo após perder um filho e deixar seu emprego público com agente fiscal, num posto da prefeitura de Vitória, justamente por não concordar com práticas desonestas, fica sem alternativas, por isso acaba aceitando a oferta de um amigo, para cuidar de um armazém/ de uma propriedade distante e isolada. Bernardo considera a oportunidade, uma maneira de se tornar um pequeno agricultor e pecuarista.

A morte do filho, ainda criança, de Bernardo e Teresa foi insuperável e ocasionou um grande abismo na própria relação de ambos. Era notório os efeitos da perda, até mesmo em Teresa que sempre foi “Testa serena, capaz de aplacar todas as iras” (LINS, 2007, p.36), agora estava definhada.

A morte de José fora na terça-feira. Na sexta, apareceu Antônio Chá, que seguira Bernardo em algumas das últimas viagens e sumirá há quase quatro anos, sem que ninguém desse notícias suas. [...] Nos intervalos da conversa frouxa, observava o rosto de Bernardo, sondava a expressão da mulher e replantava os olhos nos tijolos, com um suspiro de pena. Que era feito, indagava, que era feito do chefe e da Teresa de antes? Ambos machucados. Era como entrar na casa errada. E dizer que pensara encontrar Bernardo rico, cheio dos poderes e riquezas que o seu entusiasmo prometia (LINS, 2007, p.35).

A passagem capta por meio do olhar de Antônio Chá, amigo da família, os efeitos dos últimos acontecimentos na vida do casal. O romance narrado em terceira pessoa, por um narrado intruso, nesse momento filtra as expressões reveladoras dos conflitos internos do casal, delegando o ponto de vista ao personagem que melhor conhecia aquela família.

É constante no romance o fato de o narrador delegar voz a outros personagens. Numa atitude que permite compreender a complexidade do homem, revelando a necessidade de dar voz ao interior dos personagens, quando o narrador não consegue mais dominar a complexidade humana.

A situação de Bernardo em Vitória não era confortável, além da morte do filho, Bernardo estava desempregado. Tinha se demitido do seu antigo emprego como agente fiscal da prefeitura, e por isso era odiado na cidade, o que dificultava a oportunidade de outro emprego, pela influência que a prefeitura, exercia na pequena cidade. “É por isso que lhe odeiam e têm inveja. [...] E pode ficar certo: por enquanto, você não tem oportunidade a ui. Eles têm de provar, esse pessoal de Vitória, que você está errado.

Querem ver seu castigo, sua queda. E isso tem de vir Bernardo, se você não mudar” (LINS, 2007, p.45).

Todo esse ódio era justamente pela recusa de Bernardo as falcatruas do seu chefe, junto com o tesoureiro e seus secretários. Bernardo recusou a fazer parte do esquema de corrupção, quando percebeu os roubos feitos pelo prefeito e seus subordinados, ocasionando a ira dos envolvidos. A sua saída do emprego, provocou intensas reflexões, impulsionadas pelo fator financeiro e a sua honra. “Bernardo refletia: Agira Erradamente? [...] E fora tão insensato o que fizera! Se bem executava o seu trabalho, importava-lhe o resto? O certo era contar devidamente, como sempre fizera, os volumes conduzidos pelos caminhões, cobrar o imposto devido, prestar as devidas contas (LINS, 2007, p.14-15).

Toda a situação agora, acrescia as reflexões de Bernardo, quanto ao destino da sua família. O “Homem de contada palavras” sentia o peso da honestidade, quando essa não parecia encaixar no ambiente que vivia. Ainda estamos nas páginas iniciais do romance, e já é possível perceber a tensão que domina a narrativa. Bernardo já encontra-se enclausurado pelo seus pensamentos, em função dos últimos acontecimentos e decisões tomadas.

A tensão presente nas páginas iniciais, acompanha os personagens até o fim, sem os dar fôlego. Por isso, é possível perceber que trata-se de um romance de tensão tanto externa, como interna. De um lado temos conflitos de ordem social, e do outro, conflitos existenciais.

Reveladores da tensa relação de Bernardo com o meio que ele vive, são as séries de episódios, em função da mudança de Bernardo e sua família da cidade de Vitória para a zona rural nordestina, na tentativa de recomeçar a sua vida.

Bernardo recebe uma proposta de Miguel Benício, um comerciante rico e dono de um engenho, para ir trabalhar no Engenho Surrão, gerenciar as atividades do engenho. Teria também no Surrão, terra para trabalhar: plantar, criar, e assim reconstruir sua vida aos poucos. “- Você ainda sabe o caminho do Surrão. Eu lhe empresto dinheiro, você compra bois, me leva lá e diz qual é o lucro. Dá uma olhada nas terras, no barracão, vê o que é o interessa. O que você quiser, está nas suas mãos” (LINS, 2007, p.47).

Aceito a proposta, Bernardo e Teresa partem para o Engenho do Surrão com a premissa de recomeçar a vida, reconstruir suas identidades. De todas as descrições

possíveis feitas do Surrão, Bernardo e Tereza não fazia ideia das lutas que travariam para manter intacta mais uma vez a honra.

Tempo depois da família mudar para o engenho, o dono do engenho, Miguel Surrão, ao saber das traições da esposa, resolve vender todas as suas propriedades para que sua esposa não ficasse com nenhum bem. A venda era falsa, e assim que o divórcio fosse resolvido, teria suas propriedades de volta. Bernardo foi o nome de confiança escolhido por Miguel para receber a passagens do bens. “Aceitava na qualidade de amigo, comprar-lhe algumas casas, transação fingida, válida somente no papel? (LINS, 2007, p.93). Bernardo não aceita fazer parte de tal negócio ilegal, o que acaba com Miguel recorrendo ao seu irmão mais novo, Nestor Benício. Nestor provocava em Bernardo, certa desconfiança, e por isso temia que ele assassinasse o irmão, Miguel.

Ergueu-se, apanhou o candeeiro, fiscalizou mais uma vez as portas, lento. Deitaram-se. Cresciam os rumores da noite, o cachorro soltou um uivo longo. E tudo, os uivos, a cantilena dos bichos miúdos, Nestor Benício, os homens desgarrados na escuridão, a vida naquele ermo, a pobreza que o obrigada a suportar com a mulher essas coisas, tudo pareceu fundir-se – elementos de uma conspiração que o destruiria, que já o ameaçava, que fechava sobre ambos um vago, funesto, imponderável círculo. Nítido um arrepio veio dos seus rins, subiu ao longo das costas e espalhou-se no ombro. E veio então a certeza, uma previsão clara e tão firme, que ele se sentiu sufocar: “Nestor Benício vai assassinar o irmão”. Era inevitável: quando, sem despender um níquel, se visse na posse de todos aqueles bens – e Nestor saberia apossar-se de outros mais – acharia um jeito de acabar com Miguel (LINS, 2007, p.98).

Todo o medo de Bernardo o consumiu por dias, numa angustia nefasta. A descrição do trecho acima, permite visualizar fatores condicionantes do estado de Bernardo. Tanto o espaço com os agouros da noite, como a cisma do protagonista com Nestor, geram a tensão interior do personagem. A luta com fatores externos como a pobreza e as suspeitas de desmando do irmão do seu amigo, tornam o ambiente nebuloso que não só o atinge, como também a sua esposa. Teresa sabia pelos suspiros fortes do marido, nervos abalados e a insônia, que algo muito ruim ele estava prevendo, e como sempre fazia, não a contaria, para não a preocupar.

De fato, toda inquietação de Bernardo não era atoa. Miguel morre de forma suspeita, e todos os bens, inclusive o Engenho do Surrão, ficam com o seu irmão Nestor. Essa mudança vem a significar bastante na rotina dos acontecimentos da pequena comunidade

rural do Surrão. Nestor é agora o novo patrão de Bernardo. A partir daí, trava-se uma de série conflitos de ordem externa e interna, que atormentaria a vida do casal. “Morto Miguel, o Engenho nas mão de Nestor, que seria novamente deles dois? Nunca teriam paz? (LINS, 2007, p.125). De um lado Bernardo, homem integro e altivo, e de outro, Nestor, um despótico senhor de terras.

A situação acentuou após a morte de Miguel. Nestor quis se apoderar de todos os bens. O gado que estava aos cuidados de Bernardo e que não fazia parte da venda feita antes de morrer por Miguel, logo provoca uma sequência de conflitos. Bernardo sabe das intenções de Nestor, e muito mais que o gado não faz parte das tramitações anteriores. A ideia de Nestor é se apropriar de todos os bens do falecido, não facilitando a vida dos agregados, como também da viúva e dos seus filhos. Seu objetivo era “colher tudo que estivesse ao seu alcance, estender-se. A qualquer preço, contra todo escrúpulo. A altura do homem são os seus poderes” (OSMAN, 2007, p.134).

“Bernardo Vieira Cedro, homem de passado limpo, sem quebras graves de procedimento” (OSMAN, 2007, p.132), castigado pelos acontecimentos que culminaram na morte do seu amigo Miguel, resolve tomar uma atitude diante dos desmandos de Nestor. Assim ele não permite que o inimigo retire o gado dos seus cuidados, o que provoca a ira de Nestor, que a partir disso coloca capangas para vigiar Bernardo e a fazenda.

- Chegaram? - Estão aí. *Ele* e mais quatro. Apressadamente, calçou as alpercatas. Trocou um rápido olhar com a mulher, saiu, fechou a porta. Não havia lua. [...] Nestor Benício à frente; trazia uma chibata, esporas, botas e cano alto. De cada lado, como a protege-lo, estavam Precipício e Xenofonte. [...] – Pronto – foi dizendo Nestor. Viemos cuidar do negócio. – Que negócio? – O gado, senhor. Vamos levar agora. – Estive analisando. O gado vai ficar aqui. Nestor Benício riu. [...] O negócio que a gente acertou, foi outro. – insistiu Nestor. – Eu não acertei nada – replicou Bernardo com o olhar fixo no desconhecido. Você falou que ia levar o gado e eu disse que não tinha nada com isso. – ora, se não tem, não se meta. A voz de Nestor se alteou: – Arrotando grosso? Sabe que formiga quando quer se perder, cria asa? – Você ouviu o que eu disse – Bernardo insistiu. Estamos conversados. [...] – Eu não falei por falar – avisou Bernardo. Se você insistir, eu dou parte na polícia hoje mesmo (LINS, 2007, p. 136-137).

Associado a essa atitude, Nestor dispara toda a sua fúria à resistência de Bernardo. Passa a cobrar aluguel, coloca capangas à espreita da casa de Bernardo e Tereza, destrói as plantações, perseguindo a família de todas as maneiras.

É nesse clima de tensão que as relações de poder se intensificam e ditam o comportamento dos personagens. Bernardo é encurralado pelo controle exercido por Nestor. Sua honra é posta na balança a medida que a força coerciva do espaço em que vive, o oprime. “Eu não sou um homem ruim e não queria muito da vida. Mas o que há de errado na minha maneira de agir? Será fugindo, será se curvando que um homem deve viver?” (LINS, 2007, p.178). Os questionamentos feitos por ele, embalam o quanto a prova pode estar a honra de um homem diante de forças adversárias que pode nutrir a desonra e a corrupção.

Por isso, sentia-se preso. “Acordou com o pensamento de que era um homem acuado e de que precisava domar, dirigir as suas forças” (LINS, 2007, p. 254). A ideia de homem acuado é comparável a um bicho que está prestes a cair numa tocaia. A tocaia era posta por Nestor, o opressor, grande latifundiário sem ética, sem escrúpulo a quem nada obedecia. O próprio Bernardo associa a sua situação com a do coelho que sua mãe criara e foi levado pela força dos cães. Assim como o animal, estava acuado. O coelho pelos cães, ele, perseguido, sem lei e sem amigos, por Nestor e seus capangas armados em frente de sua casa para expulsá-lo. “Assemelhava-se a um homem que reconhece os mesmos sintomas de uma doença da qual se acreditava livre e a quem isso se acabrunha duplamente, pois os movimentos e a aspereza são familiares. [...] E tudo, a sensação de estar preso em sua própria casa” (LINS, 2007, p. 292).

E travado um acerto de conta entre os dois, como forma de resolver a situação. Bernardo resolve vender o que pertence no Surrão e voltar para Vitória, para mais uma vez recomeçar. Nestor sem saída, aparentemente acaba aceitando o negócio. Quando tudo encerrado, Bernardo percebe que é mais uma armadilha do inimigo. Havia uma tocaia para a sua morte. Sozinho no meio de toda aquela gente, Bernardo tinha ajuda apenas do seu fiel companheiro Antônio Chá que as espreitas observava e cuidava para qualquer movimento suspeito. Quando, Ubaldo, um dos capatazes, por motivos que Bernardo desconhecia, surgiu e atira em Nestor, facilitando a fuga de Bernardo e Antônio chá para Vitória, e assim começar um novo ciclo.

O caminho percorrido até o último embate, provocou na arquitetura do romance, a tensão já enunciada em momentos anteriores. Tensão tanto no nível externo, envolvendo a problemática social presente no contexto do enunciado, em que a rivalidade de Nestor, despótico senhor de terras com Bernardo e Teresa, tonaliza as diferenças entre classes e

por consequência acirra a luta entre elas. Do outro lado, a tensão interna, no nível “cósmico em que se joga a existência não de um indivíduo encurralado pelo ódio e pelo medo, mas do gênero humano a debater-se com as forças indômitas que despertou ou pôs em movimento do ser humano em face da natureza, dos semelhantes e, sobretudo, de si próprio, seu inimigo maior” (MOISÉS, 2007, p. 376).

A relação de tais tensões no romance, se dá na postura do protagonista em resistir a força das classes donas do poder social, por isso superiores, que se desenhava por linhas tortas. Ou seja, resistir aos desmandos das esferas sociais que regiam o poder, impõe uma pressão psicológica que pode provocar o desequilíbrio do sujeito. Resistir os conflitos dentro da esfera tanto social, como psicológica, e manter inalterada a sua ética, foi a luta travada por Bernardo no romance. Por isso, não controla a situação facilmente, ele se vê ao ponto de explodir, uma intensa luta interna. Uma raiva motivada pela consciência, pela razão. Raiva de todo povo oprimido. Raiva pronta para explodir, mas contida, “Haverei de pagar o que não devo? Essa pergunta feita, repetidas vezes por Bernardo, enraivecia-o, era o mesmo que um insulto. Nas horas longas da noite quantas vezes acordara” (LINS, 2007, p. 173).

O fiel e a pedra nessa via, não se limita apenas ao relato de acontecimentos movido por questões de poderes, de terra e de honra, objetiva patentear, nos embates de dois seres, a imagem total do homem ansioso de reconquistar a perdida ou dispersa unidade essencial. Retrata o desespero de um ser que (re) constrói a sua essência com os retalhos da sua existência, o romance bordeja a problemática existencialista (MOISÉS, 2007, p.379).

O embate que circunda os espaços do romance é encorpado pela personificação de dois seres de índoles distintas. Enquanto Bernardo é a personificação do bem, da integridade,

Sempre fora assim e não havia de mudar, a não ser que os anos, dentro de sua pele, o substituíssem por um homem diferente. Se para viver era preciso se afastar-se de uma certa linha, abrir os braços, servir a um ladrão, ser fiel aos infiéis, trair, ceder, então que é que o mundo e a vida não haviam sido feitos para ele (LINS, 2007, p.321).

Nestor Benício era a personificação do opressor, do algoz que conduzia a mão de ferro a exploração de classes e imposição de valores.

Vim com vigor, isso sim, impor um mando que é direito meu. Em qualquer tempo o lugar, se beija a mão do senhor. E você quer violar, quebrar as leis do mundo, mas estou aqui para impedir engano, ostentação, abrir os olhos dos cegos. Hoje você tem de ficar na sua altura. Na sua dimensão. Olhe para fora, meça a diferença. [...] Olha para fora e veja quem sou eu. É o cabo, é Marvano, é o vigia, tudo gente min há. Gritei, obedeceu: todo mundo obedece. Pese a desigualdade, julgue o menor e o maior. Qual é o lado mais forte? Esse amarelo não conta, não pesa na balança. E de grande você só tem a soberba, mas essa eu vim cortar. Hoje você fala mais baixo. Fala mais baixo ou então não fala (LINS, 2007, p.348).

A caracterização de Nestor e de Bernardo, como seus valores e objetivos, fazem parte da constituição do sujeito dentro de contextos com peculiaridade e condições sociais, políticas, culturais que dão individualidades a formação dos sujeitos. Nessa via de interpretação, o romance apresenta contextos propiciadores de formar ou modificar o comportamento e o caráter dos indivíduos.

Por essa ótica, é possível fazer uma leitura do naturalismo, pelo viés do determinismo. Se pensarmos nas principais características do naturalismo a violência, a miséria e exploração social, coincide com a configuração de *O fiel e a pedra* que faz uma leitura dos romances regionalistas da década de 30, com influências do regionalismo naturalista do século XIX, se pensarmos também, na força que impulsiona a queda fatal do homem, sujeitos a lei do sangue e às pressões do ambiente. Bernardo não cede as forças e as pressões do ambiente, e por isso o romance contempla o movimento do sujeito, que precisar sair dos espaços conflituosos. Assim, como os romances naturalistas do século XIX, o romance apresenta elementos como a sondagem interna, que é responsável pela tensão dramática que configura a narrativa.

O determinismo científico, formulado por Hipólito Adolfo Taine, em que o comportamento humano é condicionado por três fatores: raça, contexto histórico e meio ambiente, é atuante na formação da tensão que oprime Bernardo. A força coerciva do meio em o personagem vive, desde Vitória até o Surrão, encurrala os sujeitos quase que na condição de um animal. Quando Bernardo se compara com o coelho da sua mãe, a objetificação/animalização do sujeito é paralela a pressão de Nestor sob Bernardo. A força do opressor é sintomático do meio em que vive. Os fortes são os que sobrevivem, os fracos são subjugados, quando resistem correm o risco de serem eliminados.

A força atuante do meio influencia o homem e a sua conduta moral. Bernardo é cercado por Nestor e seus capangas. Está sozinho naquele espaço e a sua sobrevivência

depende da sua adaptação ao meio, o que significa tornar-se corrupto, compactuar com os roubos e desmando de Nestor.

A sua saída do cargo público e da cidade de Vitória, é justamente pela força do meio em que habita. Novamente é cerceado pelo meio quando muda para Surrão. A sua resistência ao poder que o espaço exerce, leva a uma intensa tensão psicológica que atormenta o personagem do início ao fim do romance.

Tocante a ideia da literatura como forma de intervenção social, modulada pelo viés crítico, reacionário dos escritores naturalistas, o romance segue na linha do posicionamento ideológico de Osman Lins, em considerar a literatura “o instrumento mais poderoso e mais eficaz de que o homem dispõe para conquistar e defender sua liberdade e sua dignidade” (LINS, 1979, p. 201), como já dito anteriormente.

É possível notar a denúncia diante de situações como latifúndio, exploração de classes e imposição de valores. O romance ao narrar a história de Bernardo na zona rural nordestina, tendo por núcleo, as relações conflituosas entre o despótico senhor de terras, Nestor, e Bernardo, um forasteiro íntegro e altivo, contempla aspectos notórios tanto no contexto de produção da obra, como também, da nossa atual realidade. Aspectos de um modelo de vigência social formado pelos opressores e pelos oprimidos, gerando conflitos de ordem social, com alta carga de sondagem humana, visto que o dilema em que o homem se encontra, vai além dos conflitos externos, contemplando o seu próprio mal-estar.

Segundo Freud, o mal estar, a infelicidade é provocada por três fatores: “o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 1996, p.15). A situação de Bernardo no meio em vive e as relações estabelecidas no seu meio de trabalho, são responsáveis pelo seu desajuste na sociedade. Toda a tensão psicológica vivida pelo casal, é resultado da “frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade” (FREUD, 1996, p.15).

Nesse sentido, podemos concluir que são as frustrações que acompanha o casal, que faz com eles vivem em constante mudança. Justamente a inadequação de ambos aos espaços que convivem que provocaram a tensão dramática que deu ritmo a narrativa.

Bernardo e Teresa a procura da felicidade, partem para um novo recomeço. Nesse sentido o casal vive uma saga que culmina na sua volta a Vitória, local onde sai em busca de também um recomeço. Quando sai de Vitória, o casal vive o luto da perda de um filho, agora encontra na gravidez de Tereza sentido, motivos para outro começo, e assim retornar as possibilidades de serem felizes. Anúncio de um tempo novo na vida de Bernardo, após sua reconstituição em meio aos escombros.

Referências

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. ed.9. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2002.

FREUD, S. (1930 [1929]) *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONÇALVES, Aguinaldo José. GUARNIERI, Ivanor Luiz. A literatura de Osman Lins e sua crítica ao autoritarismo. *Educere et Educare*. Vol.10 Número 20 jul./dez .2015 p. 861 – 869.

LINS, Osman. *O fiel e a pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Evangelho na taba*. Problemas inculturais brasileiros II. Apresentação de Julieta de Godoy Ladeira. São Paulo: Summus, 1979.

MOISÉS, Massaud. *Posfácio: O fiel e a pedra, hoje*. In: LINS, Osman. *O fiel e a pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Osman Lins, forma e fôrma. *Cerrados*. Nº 37. p.93-100. 2014.